

Algumas considerações sobre a falha epistemo-somática e suas manifestações na criança

Telma Corrêa N. Queiroz
José Roberto A. Correia

A palavra epistemo-somática, sugerida por Lacan em vez de psicossomática, remete ao não-reconhecimento da dimensão do sujeito e do gozo na relação da medicina com o corpo. Ela remete também ao desconhecimento simbólico do ser em relação à sua doença. Para compreender isso é necessário fazer a distinção entre corpo da psicanálise e corpo da medicina. O corpo da psicanálise é estruturado pela fala e tem três dimensões: é corpo simbólico, corpo imaginário e corpo real. O corpo da medicina é estruturado como um organismo, é apenas corpo real. O fenômeno psicossomático, nos diz Lacan, surge da simultaneidade entre letra e carne e implica uma falha epistemo-somática, uma falha no saber sobre o próprio corpo, que teria sua origem numa falha simbólica precoce. Observa-se que quanto menor a criança, menor capacidade de simbolização ela tem, e mais reage com o corpo aos significantes conflituais da atmosfera em que vive.

Palavras-chave: Falha epistemossomática, corpo, sujeito, gozo e criança

Introdução

A idéia da divisão do ser humano é muito antiga, existe desde os primórdios da história, percorre a história da filosofia e da medicina desde as origens. O ser humano é duplo? É dividido em duas partes, corpo e alma, pensamento e extensão? A alma e o corpo são unidos ou desunidos? Um interfere no outro ou são independentes? Dessa questão decorre uma outra: a origem das doenças é subjetiva (ou seja, da alma) ou objetiva (quer dizer, do corpo)? No final do século passado, numa modificação radical da questão, Freud introduz um corte divisório, não mais entre corpo e alma, mas entre consciente e inconsciente, ou seja, uma divisão dentro da própria subjetividade, embora essa idéia da divisão mente/corpo persista paralelamente, estando na base da maioria das teorias psicossomáticas atuais. Essas últimas, no entanto, segundo Lacan, não levam em consideração o inconsciente, a linguagem e o sujeito, excluem a dimensão do gozo e tendem a objetivar o paciente. Quase todas funcionam nessa dicotomia que mantém o traço divisório entre pensamento e corpo. Lacan, rejeitando esse modelo divisório, sugere a palavra epistemo-somática, que coloca um corte divisório num outro ponto, ou seja, na relação entre saber (ciência) e ser.

Ele diz o seguinte no texto “Psicanálise e medicina”:
“Permitam-me rotular de preferência como falha epistemo-somática, o efeito que vai ter o progresso da ciência sobre a

relação da medicina com o corpo” (s/d, p. 42). E, no mesmo texto, ele continua mais adiante: “A dimensão do gozo está excluída disso que chamei a relação epistemo-somática” (Ibid).

Curiosamente, a psicanálise surgiu na mesma época em que a medicina se tornou ciência, o que se deu justamente a partir da descoberta do corpo, ou seja, da introdução do método anátomo-clínico. Freud subverteu no entanto a noção de corpo anátomo-fisiológico, descrevendo o corpo da psicanálise que vai muito além do corpo médico, opondo, a este último, uma “meta-anatomia”, a anatomia fantasmática e o corpo do fantasma. Desde o momento em que se tornou ciência, a distância entre sujeito e corpo foi aumentando progressivamente no exercício da medicina que, antes, era dominado pela subjetividade. A medicina passou a ocupar-se exclusivamente do corpo, e mesmo as questões mais subjetivas do ser passaram a ser objetivadas em algum ponto do organismo. A alma, a mente, não fazia mais parte do saber médico, só teria interesse se pudesse ser situada em alguma circunvolução cerebral ou alguma substância química.

Lacan observa em seu texto *Psicanálise e medicina* que quanto mais a ciência progride, mais a doença é considerada como tendo causas puramente objetivas, e que, ao mesmo tempo, a posição do médico vai perdendo prestígio e autoridade, ou seja, o sujeito médico vai se tornando supérfluo, dispensável, já que existem por aí computadores que o substituem. Problema que, segundo Lacan, não se resolve nem por meio da psicologia médica, como se ensina nas faculdades de medicina, pois trata da relação médico-paciente nos moldes da psicologia tradicional, nem por meio do que até agora se chamou psicossomática, geralmente considerado como a influência do psíquico sobre o corpo, ou seja, ainda na dicotomia mente/corpo.

O que é a falha epistemo-somática?

Com a expressão falha epistemo-somática Lacan nos remete à relação do ser com o seu corpo, quando afetado por uma lesão. O próprio sujeito não relaciona a lesão ao seu desejo, não a refere à sua história. É como se houvesse uma falha no saber sobre o próprio corpo, que faz com que ele não construa fantasias em torno de sua doença, não a reconheça como estando inscrita numa situação simbólica e, conseqüentemente, não manifeste desejo de saber o que significa, tornando difícil o surgimento da transferência, que comporta essencialmente o desejo de saber. Ele permanece como que alienado no grande Outro que sabe, alienado no discurso da ciência que, ela sim, sabe o que ele tem.

O que é o corpo?

Somos assim reenviados a pensar o que é o corpo, e como esse corpo é concebido pela ciência e pela psicanálise. Não se trata de um conceito científico, nem de um conceito propriamente psicanalítico tal como o inconsciente ou como a pulsão. Mas o corpo interessa à medicina à medida que é o lugar onde a doença se instala, e interessa à psicanálise à medida que é suporte do significante, e que faz parte da tríade RSI (Real, Simbólico e Imaginário), permitindo assim que se possa fazer uma clínica da falha epistemo-somática.

O corpo é uma estrutura biológica que se mantém por intermédio das funções que regulam os ritmos vitais. A função tônico-motora, por exemplo, o mantém ora de pé, ora deitado, tenso ou relaxado, parado ou em movimento. Mas a estrutura biológica com suas funções, por si só, não poderia mantê-lo assim. As funções do corpo estão com efeito submetidas às leis biológicas e fisiológicas que, por sua vez, estão submetidas às leis do significante. Conseqüentemente, dependem da relação com o Outro, lugar do significante. No início da vida, a harmonia ou desarmonia dessas funções está intimamente ligada às interações do bebê com o Outro-mãe. Essas interações são por sua vez regidas pelo significante fálico, mediador da relação do corpo vivo ao desejo do Outro. Assim, a regulação da fisiologia do corpo depende da posição do sujeito em relação à cadeia significante e especialmente em relação ao significante fálico, fazendo com que todas as funções trabalhem num certo equilíbrio que proporciona o bem-estar do corpo, permitindo a continuidade da existência.

É a atividade pulsional que faz as funções ocorrerem. Por exemplo: a mãe, ao acalmar a fome do bebê, põe em ação a função digestiva, trazendo ao mesmo tempo a satisfação da pulsão oral, satisfação que é seguida por relaxamento da tensão e hipotonia. É assim que a necessidade, a falta, traz a hipertonia, o movimento, o desejo. São bem conhecidas as conseqüências da satisfação demasiada ou da falta excessiva nessas etapas precoces, e suas conseqüências observáveis notadamente no tonus corporal. Não raramente vemos na clínica, mães chegarem com a queixa de que o filho é mole demais, hipotônico, ou agitado demais, hipertônico. Isso nos demonstra como a harmonia ou desarmonia da relação e dos ritmos entre a criança e a mãe se inscreve no corpo da criança. Nessa relação, as funções são capturadas num discurso, a partir de seus objetos *a*, dos quais a mãe fala para o bebê: seio, fezes, urina, sopro, voz. Que a mãe não fale delas isso pode fazer com que fiquem fora da linguagem.

Num primeiro momento – quando, segundo Freud, ainda não há separação psíquica –, quem responde pela criança é a mãe, o Outro, e isso constitui o que Lacan chamou de operação de alienação. Num segundo momento, a criança percebe que o Outro não pode mais responder por ela e separa-se, operação deno-

minada de separação. É quando o bebê se dá conta, pelas ausências da mãe, de que não é o único objeto do desejo dela, que ele entra na linguagem, e começa a falar para tornar presente a mãe faltante, emergindo assim como sujeito de desejo.

O desejo, transformado ou mascarado vai se manifestar na demanda, o bebê torna-se humano ao mesmo tempo em que o grande Outro Real, aquele que satisfaz a necessidade, se transforma em grande Outro Simbólico, momento mítico de articulação do significante com o corpo. O corpo da criança enquanto tal é, antes de tudo, objeto do desejo e da demanda do grande Outro, o que o distingue radicalmente de uma máquina puramente biológica. Ele se torna humano, se torna sujeito, à medida que é invadido pelo corpo da palavra, pelo corpo do significante. Sem a invasão significante, não haveria sujeito do corpo nem corpo do sujeito.

Assim, pois, o corpo é Simbólico...

E como o lugar do simbólico é o campo do Outro, o corpo é primeiramente corpo do Outro, Outro que é também o lugar do inconsciente. Dessa maneira a relação do homem com seu inconsciente passa pelo seu corpo.

78

O significante, invadindo o sujeito, passa a representá-lo para um outro significante pois, nos diz Lacan, o significante só representa o sujeito para um outro significante. Esses significantes vão se constituir em cadeias que formam o desenrolar de nossa existência. O sujeito só emerge no intervalo entre dois significantes ao mesmo tempo em que ocorre a queda do objeto *a*. Se esse intervalo entre dois significantes não se faz, tudo isso é então impossível. É o que acontece quando há uma falha na função paterna, o que dificulta a operação de separação entre a criança e sua mãe. Vai ocorrer então o congelamento do significante, ou a massificação de dois significantes, fenômeno que Lacan chamou de holófrase no *Seminário XI*: os significantes perdem seu caráter flexível, se interpenetram, não há deslizamento, não há intervalo entre eles para o surgimento do sujeito, nem queda do objeto *a*. No desenrolar da existência certos acontecimentos que têm em comum o fato de estabelecer um limite ou trazer alguma perda, podem fazer ressoar essa holófrase, produzindo então o fenômeno psicossomático.

Mas o corpo é também Imaginário...

O corpo se introduz na economia do gozo pela imagem do corpo, nos diz Lacan. O gozo revela a dimensão do corpo num ser de fala. Lacan vai mostrar, por meio de sua descrição da fase do espelho, que a relação do homem com o

seu corpo é uma relação imaginária, que passa pelo corpo do outro semelhante, o corpo do espelho. Antes do espelho, no início da vida, a criança não tem a experiência de seu corpo como uma totalidade unitária. Mesmo quando nascida a termo, ela nasce num estado de fragmentação e de inacabamento que marca não somente o início de sua vida, mas todo o seu desenvolvimento ulterior. A imagem do corpo próprio no espelho permite a unificação dos fragmentos, antecipando a unidade física e psíquica. A unidade do corpo é, assim, atribuída por Lacan à unidade da imagem, através de uma identificação à imagem do semelhante. Esse momento da constituição do corpo pela imagem é o momento da constituição do Eu que, como diz Freud, é antes de tudo corporal. É pela imagem do corpo que a criança pode situar o que ela é e o que não é, e se reconhecer na forma humana. Assim é que, se somos bem ou malvistos, esse olhar terá um peso na constituição de uma boa ou má imagem de nós mesmos. O modo de falar e de olhar dos pais em direção da criança traz a marca do modo como desejaram e aceitaram esse filho.

A partir daí, tudo o que a rodeia ela corporifica, faz coisa à imagem de seu corpo, diz Lacan na “Conferência de Genebra sobre o sintoma”. Corpo-reifica. Porém, ao mesmo tempo, o corpo do mundo é percebido pela criança por meio de palavras, através do pensamento. A imagem é desde o início marcada pelo significante. Toda a natureza é percebida através de significantes. E Lacan nos esclarece:

Penso que o pensamento é afinal de contas um aprisionamento no imaginário. E os psicanalistas sabem disso melhor que ninguém. É um aprisionamento em algo que especifiquei com o que chamo o imaginário, e toda uma tradição filosófica se deu conta disso muito bem. Se o homem – dizer isso parece uma banalidade – não tivesse o que se chama um corpo, não vou dizer que não pensaria, pois isto é óbvio, mas sim que não estaria profundamente capturado pela imagem desse corpo. (1985, p. 118)

Mas o pensamento do homem se constitui com a ajuda de palavras. Para a psicanálise, o homem é estruturado como linguagem. “E é no encontro entre essas palavras e seu corpo onde algo se esboça” (Ibid., p. 125). Lacan considera que o corpo não existe se não se pode falar dele. É a palavra que cria o corpo, assim como Deus criou o mundo nomeando-o. No princípio é o verbo, no princípio é a palavra. O mundo do homem é assim pensado como Coisa à imagem de seu corpo, embora ele não saiba muito bem o que é esse corpo, nem como sobrevive. Lacan, ainda na Conferência de Genebra, nos dá o exemplo de um arranhão que cicatriza sozinho, sem se saber como, assim como cresce novamente a cauda de uma lagartixa que foi cortada, sem que se note ou se saiba o que se passa com o corpo próprio.

O corpo também se articula com o Real...

E é por essa articulação que o corpo subsiste, na medida em que funciona, e que é o lugar da função e da necessidade.

Assim o corpo da psicanálise, com suas três dimensões, se oferece à escuta pois é a fala que o constitui. Para a ciência, o corpo, estruturado como um organismo, como corpo real, se oferece ao olhar, ficando excluídas as dimensões do gozo e da linguagem. O corpo é examinado mas não escutado, é corpo sem palavras, corpo que só interessa enquanto “ameaçado por” ou “destinado à morte”, corpo-máquina cujo funcionamento é preciso assegurar, embora ao risco de atingir o sujeito.

Introduzindo a questão da linguagem, Lacan nos mostrará que é dessa simultaneidade entre palavra e organismo, entre letra e carne, que nasce o fenômeno psicossomático, desmontando assim o modelo divisório mente/corpo. Se é de simultaneidade que se trata, não pode haver mente influenciando o corpo, nem corpo influenciando a mente. Por que diabos o homem seria duplo, questiona ele na Conferência de Genebra. *O homem não é duplo, ele é dividido*. O corte divisório passa na realidade entre consciente e inconsciente.

80 Chegamos então a uma questão fundamental que pode ter sua relevância na direção do tratamento: seria a doença somática manifestação da palavra, ou seria um lugar do corpo que a palavra não criou, fazendo com que o sujeito não a reconheça como inscrita na sua história?

A mãe toma conhecimento da doença da criança pelo sofrimento. O sofrimento é para a mãe um dos sinais mais fortes da demanda de amor. Muito freqüentemente se mede o amor pelos cuidados com a doença. Não é a criança que inventa de sofrer para ser mais amada, é a mãe que ama bem mais quando está sofrendo. Mais tarde, somos nós mesmos que substituímos nossa mãe nos cuidados com nosso corpo. Mas é a mãe que funda a relação libidinal ao corpo próprio, de forma que ela estará sempre presente em nosso modo de senti-lo e de percebê-lo por meio de nossa imagem inconsciente do corpo que se construiu na relação com ela. Sua presença interiorizada continua velando por nós à sua maneira. Cabe aqui questionar se não haveria uma relação entre elementos de estruturação perversa materna e falha epistemo-somática, sem que possamos no entanto oferecer uma resposta nesse momento.

A saúde para nós, seria não sentir o nosso corpo. É bem conhecida a definição de Leriche que se transmite aos estudantes de medicina segundo à qual a saúde é o silêncio dos órgãos. O médico que cuida de nós, também vai ocupar esse lugar da mãe. Que o nosso corpo esteja bem ou não, que ele queira ou não melhorar de uma doença, é algo que poderá concernir não somente ao próprio sujeito, mas também à própria demanda do médico, e ao seu desejo de curar.

Lacan nos lembra que nem sempre o paciente quer se curar de sua doença. Se o médico não percebe, irá agir no sentido de suprimir o sintoma, anular toda a angústia em benefício de um suposto bem-estar, mas o preço a pagar é a interdição de pensar, de questionar o sintoma, de procurar sua significação. Ele responde à demanda sem ver o que está além. A falha epistemo-somática aponta, assim, para a incompletude do saber médico sobre o paciente, e é nessa falha que pode se inscrever a psicanálise.

Considerações finais

Na holófrase, vimos que o sujeito não refere o sintoma corporal a si mesmo e à sua história, mas sim ao saber médico. O gozo está presente, mas permanece estranho ao sujeito, gozo em excesso pois não está limitado pelo significante fálico. Não é por nada que Freud avança em “Além do princípio do prazer” que talvez as células das neoformações malignas que destroem o organismo possam ser definidas como narcísicas da mesma maneira que as células germinais. Mas parece que na doença, a excitação passa por uma espécie de excesso, em consequência de uma falha da função fálica, que desregula o equilíbrio das funções dos órgãos.

Se o fenômeno psicossomático permanece estranho ao sujeito, é porque ele não é sustentado por nenhum significante que permita decifrá-lo. Costuma-se dizer que os doentes psicossomáticos não sonham, não têm vida imaginária e entregam o corpo às suas desordens. O imaginário se retrai, é posto fora de circuito. No entanto, Lacan diz que “o psicossomático é alguém que, de todo modo, está em seu fundamento profundamente enraizado no imaginário” (Ibid., p. 139). Dá a impressão de que a imagem desaparece somente num dado momento, o momento traumático. Faltou ao paciente psicossomático palavras para falar do sofrimento, palavras que teriam podido fazer a separação e que teriam introduzido o simbólico. As experiências corporais estruturam a subjetividade, mas para isso são necessárias as palavras que, segundo Dolto, vão pouco a pouco organizando as sensações da criança. É também pelas palavras e pela linguagem que a onipotência do grande Outro pode ser quebrada pela lei, lei da linguagem, lei do falo.

Crianças pequenas que vivem em atmosferas de conflitos, antes mesmo da aquisição da linguagem, quanto mais jovens são mais reagem com o corpo aos significantes conflituais, apresentando cólicas, insônias, crises de raiva, regurgitação e outros distúrbios alimentares, ou ainda tendo infecções repetidas como otites, anginas, rinofaringites ou distúrbios respiratórios. Os significantes

conflituais dos adultos se inscrevem no corpo da criança, desregulam as funções, tornando impossível o desenvolvimento do próprio narcisismo. Um bebê separado da mãe, por exemplo, ou em desarmonia com ela, pode reagir por um episódio febril inexplicável do ponto de vista médico, ou às vezes por hiperfuncionamento gástrico ou colite, com diarreias, etc.

A criança maior reage muito freqüentemente com doenças que evoluem por crises tais como alergias, convulsões e asma. Denise Vincent nos mostra que, no asmático, a crise é precedida por dificuldades respiratórias acompanhadas por grande angústia equivalente ao pesadelo. A crise de asma se manifesta quando a imagem desaparece. Outras crianças apresentariam pontos fracos em suas defesas que em certas circunstâncias se desorganizam, a função fálica parece falhar – o corpo seria abandonado à pulsão de morte, como acontece nas crises convulsivas, o sujeito momentaneamente se aniquila. O tratamento com medicamentos anticomiciais faz cessar as crises, mas a criança não deixa de manifestar sua angústia de outras maneiras tais como batendo com a cabeça na parede e nas grades do berço, ou, ao contrário, ficando inerte em prostração, ou tendo crises de agitação com grande barulho e muito choro, ou ainda pela famosa hiperatividade, que muitos consideram um equivalente epilético. São equivalentes sim, mas equivalentes da angústia. Na aura epilética, ou no que chamam pequeno mal, há também um branco em vez da imagem. É a ausência aparente do sujeito. Mas algo de um desejo permanece, pois a criança continua de pé ou sentada, algo mantém seu organismo biológico num certo grau de hipertonia.

Considera-se que o psicossomático, criança como adulto, deve ser abordado pelo viés do gozo específico ao qual é preciso levá-lo a dar sentido, fazendo assim o enodamento do imaginário no qual se fundou com o simbólico. A doença entrando no simbólico, o corpo não se deixará mais levar a excessos de sofrimento ou de gozo, de déficit ou de exagero funcional. O médico pode intervir nesse sentido, se ele se deixar guiar pela demanda do paciente, abrindo espaço para fazer surgir o que está além dela, ou seja, a dimensão do gozo e do sujeito, em vez de se guiar por exigências de produtividade, de experimentação científica, interesses comerciais ou outros.

Referências

- BERGÈS, J. Le baba de la psychosomatique. *Le trimestre psychanalytique*. n. 5, 1988.
CHEMAMA, R. (direction). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Larousse, 1995.
DOLTO, F. *L'image inconsciente du corps*. Paris: Seuil, 1984.

- DUPUIS, R. Une tentative de classification des manifestations somatiques. *Le trimestre psychanalytique*. n. 5, 1988.
- FRABOULET, D., LECHERTIER, F., STRELISKI, P., WARTEL, R., WARTEL, M.-O. Psychosomatique & Psychanalyse. *Revue Synapse*. n. 123, février/1996.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- ISRAEL, L. *Le médecin face au malade*. Bruxelles: Dessart, 1968.
- LACAN, J. Conferencia in Ginebra sobre el sintoma. In: *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial, 1985.
- _____. Interventions de J. Lacan extraites des Lettres de l'École. Document de travail, s/d.
- _____. *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial, 1985.
- _____. *Le séminaire. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- VINCENT, D. Le symptôme psychosomatique chez l'enfant. *La psychanalyse de l'enfant*. n. 22, novembre 1997, Éditions de l'Association Freudienne.

Resumos

83

La palabra epistemosomática sugerida por Lacan en el lugar de psicossomática, remite a la falta de reconocimiento de la dimensión del sujeto y del goce en la relación de la medicina con el cuerpo. Remite también al desconocimiento simbólico del ser en relación con su enfermedad. Para comprender esto es necesario hacer la distinción entre cuerpo para el psicoanálisis y cuerpo para la medicina. El cuerpo en psicoanálisis es estructurado por el habla y tiene tres dimensiones: es cuerpo simbólico, real e imaginario. El cuerpo de la medicina es estructurado como un organismo, sólo es cuerpo real. El fenómeno psicossomático, nos dice Lacan, surge de la simultaneidad entre letra y carne e implica una falla epistemosomática, una falla en el saber del propio cuerpo, que tendría su origen en una falla simbólica precoz. Se observa que cuanto menor es el niño, menor es también la capacidad de simbolización que él tiene y más reacciona con el cuerpo a los significantes en conflicto de la atmósfera en que vive.

Palabras claves: Falla epistemosomática, cuerpo, sujeto, goce, niño

L'expression épistémo-somatique sugerée par Lacan au lieu de "psychosomatique", renvoie à l'absence de la dimension du sujet et de la jouissance dans la relation de la médecine avec le corps. Elle renvoie aussi à la méconnaissance symbolique de l'être au regard de sa maladie. Pour mieux comprendre cela, nous avons besoin de faire la distinction entre le corps de la psychanalyse et le corps de la médecine. Le corps de la psychanalyse est structuré par la parole et il a trois

dimensions: il est corps symbolique, corps imaginaire et corps réel. Le corps de la médecine est structuré comme un organisme, il est seulement corps réel. Le phénomène psychosomatique, nous dit Lacan, survient de la simultanéité entre lettre et chair et implique une faille épistémico-somatique, une faille dans le savoir sur le corps propre, dont l'origine lointaine serait une faille symbolique précoce. On remarque que, plus l'enfant est jeune, moindre est sa capacité de symbolisation et plus il réagit avec le corps aux signifiants conflictuels de l'atmosphère dans laquelle il vit.

Mots clés: Faille épistémico-somatique, corps, sujet, jouissance, enfant

The term epistemomatic suggested by Lacan as a substitute for psychosomatic refers back to the absence of the dimension of the subject and of enjoyment in the relationship between medicine and the body, and the own being and his body. It is necessary to make a distinction between the body of psychoanalysis and the body of medicine in order to understand this. The body of psychoanalysis is structured by the speech and has three dimensions: symbolic body, imaginary body, and real body. The body of medicine is structured as an organism, it is only real body. The psychosomatic phenomenon arises from the simultaneity between letter and flash and implies an epistemomatic fault. The younger the child, the more he reacts with the body to the conflictual signifiers of the environment in which he lives.

Key words: Epistemomatic fault, body, subject, enjoyment, child